

LEANDRO MARTINS CHAVES DE ALMEIDA

ENSINO DE LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
relato de experiência

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG

2019

Leandro Martins Chaves de Almeida

ENSINO DE LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
relato de experiência

Trabalho de Conclusão de Curso,
desenvolvido na disciplina Seminário de
Orientação de TCC II, para o curso de
Educação Física da Universidade Federal
de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Admir Soares de A.
Júnior

Belo Horizonte

2019

SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. Justificativa	9
3. Metodologia	13
4. Discussão e Conclusão	54
Referências	60

RESUMO

O tema deste trabalho é o Ensino de Lutas na Educação Física Escolar. O objetivo deste trabalho é apresentar e descrever o processo de desenvolvimento de uma unidade didática de ensino de lutas, que foi realizada no contexto da disciplina *Análise da Prática e Estágio em Educação Física III*, em uma escola da rede pública de ensino de Belo Horizonte, tendo como participantes alunos de duas turmas de 7º ano do ensino fundamental. A unidade didática abrangeu o tema Lutas, englobando elementos comuns presentes em variadas formas de lutas existentes na cultura humana. Verificou-se neste trabalho que é possível o tratamento do conteúdo Lutas nas aulas de educação física escolar. Entretanto, foi percebida a necessidade de um contato maior com as lutas e também de um trato mais qualificado no que tange a participação de professores na política escolar e no desenvolvimento de projetos de ensino, durante a formação inicial de professores de educação física.

Palavras chave: Educação física escolar. Lutas. Ensino de lutas.

1 INTRODUÇÃO

Para iniciar este relato acredito que seja importante eu primeiramente apresentar os motivos que me levaram a escolha do tema Lutas na Educação Física Escolar - EFE.

O tema lutas, sempre me rodeou desde a infância, quer fosse nos filmes ou desenhos transmitidos em televisão, quer seja nas rixas e brigas na infância, algo que era normal no contexto no qual eu estava inserido (periferia de Belo Horizonte no final dos anos 80 e início dos 90), ou nas brincadeiras que reproduziam as lutas, chamadas na época de %lutinhas+. Mas de forma mais didática foi aos meus 16 anos quando iniciei minhas primeiras aulas de Judô. Desse tempo até os dias de hoje, vivenciei diversas experiências com lutas como boxe, muaythay, karatê, jiu-jítsu e recentemente a capoeira. Mas a forma de luta que mais me aproximo e mais me identifico sempre foi o Judô. Talvez pela sua história, pelos princípios do inseridos nessa arte marcial, de valorização do próximo, de si mesmo, honra, coragem, etc.¹

Tais valores e ensinamentos me levaram a participar como professor auxiliar de Judô em um projeto social que atendia a crianças de uma região de alta vulnerabilidade social de Belo Horizonte (Figuras 1 e 2). Foi nesse contexto que percebi a importância social que aquele trabalho e eu, como professor (ainda que auxiliar), tínhamos ao trabalhar com crianças oriundas das classes sociais mais desprivilegiadas. Assim, deu-se início à minha trajetória na docência.

Partiu daí o meu desejo por me graduar nesta arte marcial e futuramente me tornar Sensei (professor), sendo muito incentivado por amigos que trabalhavam no projeto social, sendo que um deles era graduado em Educação Física.

Junto com este meu desejo, cresceu também a percepção de que faltava algo no meu trabalho docente, sentia que minha forma de instrução era mera repetição do que eu havia aprendido ao longo dos meus anos de treinamento, até que me surgiu a idéia de cursar a graduação em Educação

¹ Tais valores também estão presentes em outras artes marciais, porém o Judô as apresentou de forma mais prática e filosófica para mim.

Física, com o intuito de ser um professor de judô mais completo. Nesta fase as conversas com meu amigo graduado me serviram de incentivo.

Sem a menor noção dos desafios e conhecimentos que me seriam apresentados, ingressei na Universidade Federal de Minas Gerais, no segundo semestre do ano de 2014, para cursar Licenciatura em Educação Física . E.F., no período diurno. Recordo-me que foi em uma aula inicial da disciplina Formação e Atuação em Educação Física que eu tomei conhecimento das diferenças entre Licenciatura e Bacharelado em E. F.

Figuras 1 e 2 - Atuando como professor auxiliar de judô em projeto social com crianças da rede pública de ensino de Belo Horizonte



Fonte: arquivo pessoal

Após meu ingresso nos estudos, apenas um ano e meio depois (três semestres) é que tive o primeiro contato com as lutas como componente curricular. Foi no quarto período, cursei as disciplinas de LUTAS e CAPOEIRA. Recordo-me que as aulas de Lutas foram pouco produtivas para mim, pois o conteúdo da disciplina se concentrou no ensino de Judô, o que eu já conhecia.

Não foram exploradas, ou vivenciadas, outras formas de lutas o que frustrou minhas expectativas.

As aulas de Capoeira foram mais interessantes, talvez pelo meu desconhecimento sobre o tema. As discussões sobre as origens, sobre a importância do ensino e a prática corporal foram algo positivo no meu processo de formação. Ambas as disciplinas mencionadas dispunham de apenas 30h aula para tratar um conteúdo vasto, o que acredito ser muito pouco.

Ressalto aqui que durante o percurso acadêmico, sobretudo nas disciplinas que tratavam do ensino escolar, é que fui percebendo a importância social da escola e a importância social do professor na escola, tal qual havia percebido no projeto social que me introduziu no universo da docência. Assim continuei meus estudos, mas agora pensando não somente em ser professor de judô, mas já refletindo a possibilidade de ser professor na escola.

No primeiro semestre do ano de 2017 ingressei como bolsista no Projeto de Extensão Fundep- Lutas, onde comecei a lecionar Judô na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional- EEFETO . na UFMG. Essa atividade docente, que exerço até hoje, embora também contribua e muito para minha experiência, não se aproxima tanto da EFE por ser específica. Trata-se do ensino da arte marcial %judô+, com sua filosofia e seus costumes que, embora muito se aproxime do que é desejado de reflexão a apropriação por seus praticantes do que é esperado do ensino de lutas na EFE, por ser específica restringe e muito as possibilidades movimentos corporais vivenciados por seus praticantes. O que exerço no projeto de extensão, ou seja, as aulas que lá ministro são praticamente semelhantes às aulas que ministrava no projeto social que me direcionou à E.F., com a diferença que agora tenho mais propriedade intelectual para preparar um plano de aula levando em consideração aspectos que antes passavam despercebidos, como por exemplo, as pessoas que praticam a aula e suas individualidades.

Já no segundo semestre de 2017, cursei a disciplina de Ensino de Lutas. Essa disciplina foi mais focada no ensino das lutas na escola, mais focada na didática a ser utilizada, nas possibilidades de trabalhar Lutas nas aulas de EFE, tratando as lutas de forma mais abrangente, diferente da abordagem utilizada

nas aulas de Lutas que tive anteriormente no curso onde o ensino foi mais específico atendendo a formas de lutas codificadas.

Nessa disciplina o ensino de lutas era trabalhado muitas vezes através de jogos, que criavam situações problema. E na resolução dessas situações problemas é que percebemos a possibilidade de apropriação do conteúdo lutas. Discutimos também a classificação das lutas quanto a formas de contato e quanto as distâncias.

Foi nessa disciplina também que percebi a gama de conhecimentos que poderiam ser trabalhados com o tema e que as lutas não são devidamente trabalhadas, ou sequer são, devido à alguns dificultadores. Os maiores dificultadores do trabalho com as lutas na EFE citados nos poucos estudos sobre o tema são: infraestrutura inadequada (espaço e materiais) e associação à violência (CARREIRO, 2008; ARAÚJO ,ROCHA, 2007); e também a falta de conhecimento e aproximação com as lutas na formação acadêmica (FERREIRA, 2006).

Por conta dessas dificuldades as lutas vem sendo marginalizadas, ou seja, vem sendo deixadas de lado, à margem do que tem sido tratado como conteúdo didático pelos professores de EFE. Este fato me chamou atenção e me fez buscar entender se é possível trabalhar o tema Lutas nas aulas de EFE. Mesmo entendendo que minha vivência prévia a formação acadêmica me proporcionaram uma aproximação com o tema deste trabalho, mas não o fizeram de forma sistêmica, com as diversas discussões sobre os espaços e sujeitos, contextualidade, etc., algo que pretendo mostrar neste trabalho para entendermos se os conhecimentos trabalhados no curso de licenciatura em Educação Física da UFMG contribuem para o ensino de lutas nas aulas de EFE.

Para isso irei elaborar, desenvolver e descrever uma Unidade Didática de Ensino de Lutas, com crianças do ensino fundamental de uma escola da rede pública de ensino de Belo Horizonte, crianças com idade entre 12 e 14 anos e de ambos os sexos, onde buscarei reconhecer quais os conhecimentos se fazem necessários para o ensino de lutas na EFE. Mais especificamente, será produzida uma documentação pedagógica do processo de ensino/aprendizagem das aulas desenvolvidas nesta Unidade Didática de Ensino de Lutas na EFE.

2 JUSTIFICATIVA

Mas por que ensinar Lutas na EFE? Para responder essa pergunta é preciso primeiramente entender a contextualização da Educação Física na Educação brasileira.

Por décadas a EFE foi legitimada pelo viés médico-biológico. Sua presença nas escolas era sustentada pelo discurso da promoção da saúde como função principal, articulada com uma ideia de formação integral do homem (GONZÁLES *apud* BRACHT; GONZÁLES, 2005).

Já na segunda metade do séc. XX a EFE passou a ter outro viés legitimador de sua presença na escola: a prática corporal. Nesse contexto a EFE teve seu caráter instrumental reforçado, sendo considerada uma atividade prática voltada para o desenvolvimento técnico e físico do aluno (BRASIL, 1997).

Já nos anos 80 tal processo passou a ser questionado, no que ficou conhecido como movimento renovador da EF brasileira. É neste contexto que a EFE escolar começa a ser questionada quanto aos seus objetivos e conteúdos; quanto aos motivos de sua presença na escola; suas formas de ensino e de avaliação (GONZÁLES; FENSTERSEIFER, 2009).

González & Fensterseifer (2009) apontam que estes questionamentos elevaram a EFE de uma simples atividade à um componente curricular, colocando a EF, no âmbito escolar, como responsável por um conhecimento específico, subordinado a funções sociais de uma escola republicana, comprometida com a necessidade que as novas gerações tem de conhecimentos capazes de potencializá-los para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Mas que, ou quais conhecimentos seriam estes capazes de tal efeito?

Estes mesmos autores, González & Fensterseifer (2010), entendem que esses conhecimentos seriam: a) as possibilidades do se movimentar do ser humano; b) as práticas corporais sistematizadas vinculadas ao campo do lazer

e à promoção da saúde; e c) as estruturas e representações sociais que atravessam esse universo. Citam inclusive que essas dimensões são constituídas de diferentes conhecimentos, o que dificulta construir um expressão conceitual precisa para denomina-los, sendo que vários autores já tentaram: Cultura física (PEREIRA,1998; BETTI, 1992), cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES,1992; BRACHT,1992), cultura de movimento (KUNZ, 1991; BRACHT, 1992), cultura corporal de movimento (BETTI, 1994,1996).

Dessa forma, paralelamente ao movimento renovador, foi criada a LDB- Lei de Diretrizes e Bases, que colocou a Educação Física como componente curricular obrigatório na educação básica, fazendo uma análise crítica que, além de considerar as dimensões que outrora sustentavam a presença da EF na escola (médico-biológica e tecnicista) , considerem também as dimensões cultural, social, política e afetiva do corpo vivo, ou seja, os indivíduos, pessoas, sujeitos sociais, cidadãos. Assim a LDB trouxe a visão da EFE como Cultura Corporal, entendendo o conceito como sendo criações humanas para tornar os movimentos mais eficazes, dessas criações derivaram inúmeros conhecimentos que, ao longo do tempo, tiveram suas intencionalidades e representações ressignificadas. Esses conhecimentos gerados são entendidos como Cultura Corporal. E dentro dessa cultura corporal, a LDB elenca conhecimentos que foram incorporados pela EF, que são o jogo, o esporte a dança, a ginástica e a **luta**. (BRASIL, 1997).

A partir de então, diversos documentos que normatizam a educação no Brasil adotaram essa visão cultural da EF, sendo que todos eles citam as lutas como conteúdo deste componente curricular. Alguns, como exemplo o CBC- Currículo Básico Comum- Educação Física de Minas Gerais, não apontam as lutas como conteúdo estruturador da EFE, neste documento os conteúdos estruturadores da EFE são chamados de *eixos temáticos*, sendo estes os *esportes, os jogos, as ginásticas e as danças e movimentos expressivos*, contudo, ao esclarecer que esses eixos são compostos por *temas*, ele apresenta no eixo *esportes* o tema **lutas** (MINAS GERAIS, 2014).

Em outros documentos que normatizam a EFE as lutas já aparecem como conteúdo estruturante. É o que ocorre nos PCN~~s~~ . Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), quando afirma:

“a tarefa da Educação Física escolar, portanto, garantir o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal,...”

entendendo que as lutas são uma forma de produção dessa *cultura corporal* que foi incorporada pela EFE.

Documentos mais recentes, como a Base Nacional Comum Curricular . BNCC- apresentam a EFE como o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, trazendo as lutas como praticas corporais tematizadas que compõem um das seis unidades temáticas que devem ser abordadas no ensino fundamental. As lutas, mais precisamente, a partir do 3º ano. Sendo que além de possuir uma unidade temática exclusiva para tratar o conteúdo, as lutas também são trabalhadas na unidade temática *“esportes”*, incluídas nos esportes de combate (BRASIL, 2017).

Na rede municipal de ensino de Belo Horizonte existem as Proposições Curriculares, que em seu volume Educação Física, afirmam que a EFE é um componente curricular que possui uma especificidade de conhecimentos a serem ensinados. Estes conhecimentos, concordando com Jocimar Daolio, correspondem a Cultura Corporal . jogos e brincadeiras, esportes, ginásticas, danças e **lutas**- e devem ser tratados na escola, aprendidos e (re)construídos pelos alunos (BELO HORIZONTE, 2010).

Nessa mesma linha de pensamento, o professor Rodrigo Gavioli atua na Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa- GETECO-, escola que escolhi para realizar o trabalho de campo, desenvolvendo a unidade didática de lutas para alunos do ensino fundamental. Tive a oportunidade de acompanhar o trabalho de Rodrigo com os alunos da GETECO desde o segundo semestre de 2017 e percebi que seus alunos se apropriam do conhecimento que lhes é passado pelo professor de tal forma que no início do ano letivo de 2018, um grupo de alunos do sétimo ano (coincidentemente de uma das turmas

selecionadas para o desenvolvimento deste trabalho) questiona o professor sobre aulas de ginásticas e lutas, pois estes dois conteúdos não haviam sido tratados no ano anterior. Particularmente, mais do que documentos que legitimam e justificam o ensino de lutas na EFE, a apropriação do conhecimento e o entendimento de que tal conteúdo é um conhecimento a ser transmitido, o entendimento de que se trata de um direito, a ponto de surgir a cobrança ao professor por parte dos alunos, justifica o ensino tanto quanto a legislação escolar vigente.

Desta forma, me senti amparado para desenvolver tal unidade didática na escola municipal Geraldo Teixeira da Costa.

3 METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado no contexto do estágio final do curso de graduação em Educação Física . Licenciatura- da UFMG, no primeiro semestre de 2018. Neste estágio, realizado em dupla, tive como companheira a graduanda Thayane Lourdes Pereira e, aproveitado o ensejo de que deveríamos desenvolver e aplicar uma unidade didática para a disciplina %Análise da Prática e Estágio em Educação Física III+, abordamos o tema lutas para, além de vivenciar a prática, realizar este trabalho de conclusão de curso.

Escolhemos como campo de prática a Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa . GETECO. Esta escola hoje é uma referência no que tange a locais de ensino. É uma escola muito bem equipada, com espaço amplo. Uma escola que possui auditório, salas de dança, de vídeo e lutas. E além de bem equipada, é uma escola engajada na formação integral de seus alunos, através de projetos escolares, excursões, gincanas, etc., que tratam com seus alunos temas transversais como comportamento individual e coletivo, violência, inclusão e outros. Uma escola que recebe muito bem os estagiários que por ela passam. O ambiente escolar favorável, mesmo com seus conflitos e percausos inerentes à educação, nos fizeram escolher a GETECO como campo de trabalho.

Mas não foi apenas a escola e seu ambiente favorável que nos levaram a esta escolha. Nesta escola conhecemos o professor Rodrigo Gavioli, um profissional da Educação Física que, assim como a escola em que trabalha, também é totalmente comprometido com a formação de seus alunos. Rodrigo atualmente é mestrando na Faculdade de Educação . FAE/ UFMG. Também é um estudioso das lutas e suas possibilidades na educação, nos fornecendo grande parte do material de estudo para este trabalho. Tivemos a oportunidade de conhecer o trabalho de Rodrigo ainda no segundo semestre de 2017, momento em que ele trabalhava o tema danças com seus alunos, e nos encantamos com sua forma de trabalho e com os resultados positivos obtidos com os alunos.

Ao escolhermos as turmas, às quais ministrariamos as aulas de lutas, escolhemos duas turmas do 7ºano, turmas estas que já havíamos tido um

contato no semestre anterior, o que pensamos ser um facilitador na hora de inserir o conteúdo Lutas. As turmas 31A e 31B eram composta por 34 e 33 alunos respectivamente, todos com idade entre 12 e 14 anos de idade. Sendo que haviam 17 meninas e 17 meninos na turma 31A e 15 meninas e 18 meninos na turma 31B. Estas crianças foram alunos do professor Rodrigo no ano anterior e por conta disso, já haviam vivenciado o modelo de aula utilizado por Rodrigo.

Rodrigo pauta seu trabalho pelas proposições do caderno *Desafios da formação . Proposições curriculares Ensino Fundamental Educação Física* da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Este caderno, citando Daolio (1995), traz como saberes específicos da Educação Física os jogos e brincadeiras, esportes, danças, ginásticas e lutas; e que estes saberes, que correspondem a chamada *cultura de movimento*, devem ser tratados como conhecimentos a serem aprendidos e reconstruídos pelos alunos. No ano anterior as turmas escolhidas vivenciaram as práticas dos jogos e brincadeiras, dos esportes e das danças. Algo interessante foi que surgiu dos próprios alunos a demanda pelos saberes não trabalhados, a saber, as ginásticas e as lutas. O que no meu entender foi um outro facilitador para nosso trabalho, já que optamos por desenvolver uma unidade de ensino de lutas.

Para desenvolver essa Unidade Didática de ensino de lutas tive algumas reuniões com Rodrigo e Thayane, reuniões realizadas geralmente na sala dos professores da GETECO, onde buscamos primeiramente decidir quais os conhecimentos sobre as lutas que seriam trabalhados com os alunos, dada a gama de possibilidades existentes. Também nessas reuniões iniciais discutimos sobre quais os recursos e espaços que seriam utilizados.

Sobre os recursos e espaços, acho necessário ressaltar a estrutura da escola GETECO. A escola dispõe de um amplo espaço para a prática de aulas de E.F.. Além das salas de aula, são quatro quadras (sendo duas poliesportivas, uma de basquete e uma de voleibol). Existe um vasto material para as aulas: bolas de diversas modalidades, cones, coletes, bastões, arcos, mesa para tênis de mesa, colchões para atletismo com sarrafo para salto em altura, bastões e até coletes protetores (estes últimos muito práticos para aulas

de lutas (figuras 3 a 6); e para facilitar ainda mais nossa prática, há na escola um espaço de lutas, com tatame já montado (figura 7). O que praticamente elimina um dos obstáculos citados por Alencar *et al.* (2015): %a falta de local adequado e materiais disponíveis foram, de certa forma, uma barreira e/ou obstáculo a ser contornado no desenvolvimento da parte procedimental.+

Figuras 3 e 4- materiais disponíveis para as aulas de EFE



Fonte: arquivo pessoal

Figuras 5 e 6- materiais disponíveis para as aulas de EFE



Fonte: arquivo pessoal

Antecedendo nossa primeira reunião, o Professor Rodrigo nos forneceu material para leitura sobre as lutas no ambiente escolar. O que em muito nos acrescentou no que tange ao conteúdo lutas nas aulas de EFE.

Figura 7- sala de lutas da Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa- GETECO



Fonte: arquivo pessoal

Explicamos ao professor Rodrigo que, de acordo com o cronograma de nosso estágio, teríamos que ministrar 8 aulas. O que totalizaria 4 semanas, visto que as turmas que escolhemos possuíam 2 aulas por semana, com 1 hora de duração cada aula. Aproveitando este contexto para realizarmos uma metodologia de intervenção, sistematizando os conhecimentos e atividades a serem desenvolvidos.

Passamos então a propor quais conhecimentos sobre lutas iríamos trabalhar com os alunos, pois de acordo com Bracht (2010) o educador tem o compromisso com a seleção, a organização e principalmente a sistematização de conteúdos, a fim de promover um ensino de qualidade.

O professor Rodrigo nos alertou sobre a importância de tratar o tema de forma compreensível aos alunos, o que nos fez lembrar da teoria de J. Bruner, do ensino em espiral. Para Bruner é possível ensinar qualquer assunto, de forma honesta, a qualquer indivíduo, em qualquer estágio de desenvolvimento, desde que se leve em conta as diversas etapas de seu desenvolvimento intelectual. Essa forma de ensino aponta que o ensino não é uma linha reta, onde os assuntos, ou temas, se sobrepõem, mas sim uma espiral onde se retorna ao mesmo assunto por várias vezes, porém, a cada retomada aprofundando e aumentando o conhecimento acerca de tal assunto. Por esta razão Rodrigo me pediu que pensasse em aulas que tratassem das lutas de forma geral e inicial, para que ele pudesse retornar e aprofundar tais conhecimentos em outras oportunidades futuras. Assim, realizei primeiramente uma revisão bibliográfica dos textos indicados por Rodrigo e elenquei uma gama de conhecimentos que atendessem esse pedido.

Nossa Unidade Didática então passou a ter alguns objetivos. O primeiro e principal seria, ao final do desenvolver da unidade, criar junto aos alunos um conceito de Lutas. Esse conceito deveria ser concebido com base nas aulas, nas experiências vivenciadas pelos alunos nas aulas teóricas e práticas. Outro objetivo seria a classificação das lutas, esperando que essa classificação auxiliasse no processo de concepção do conceito de lutas.

Para essa classificação pensei primeiramente em apresentar as lutas como atividade de oposição. Atividades de oposição caracterizam-se por uma

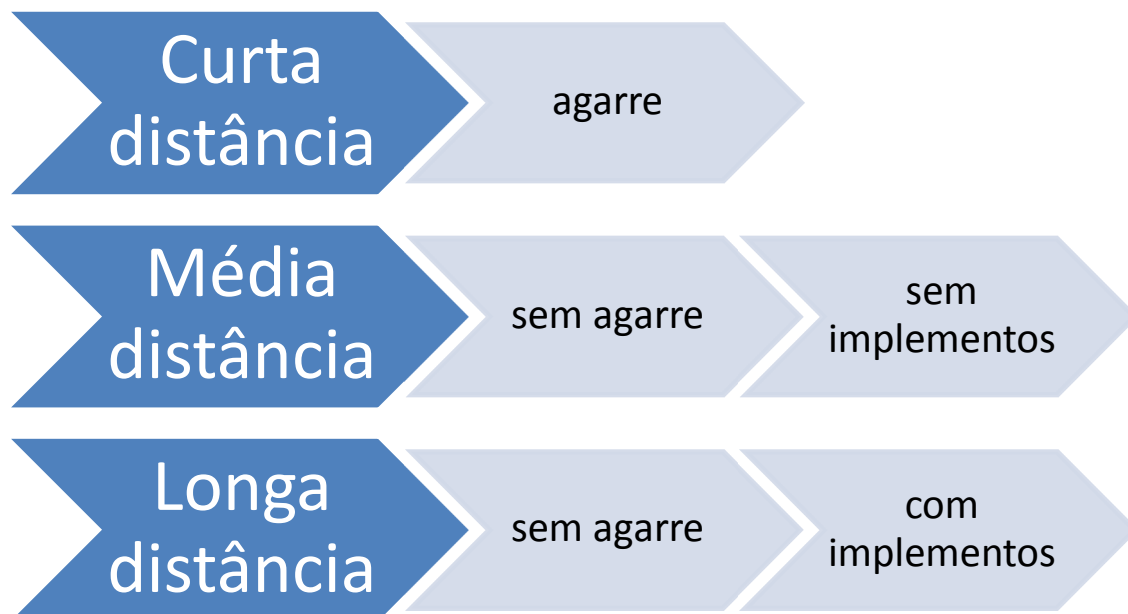
disputa, na qual a vitória de um indivíduo ou grupo depende do fracasso do outro, e por uma relação simultânea de ataque a um alvo adversário e de defesa de alvo próprio (NAKAMOTO, 2005). Dentro dessa definição de Nakamoto também se enquadram outras atividades que não as lutas, tais como futebol, tênis de mesa, basquetebol e outros vários. Logo precisei pensar em algo que delimitasse melhor as lutas, diferenciando-as das outras práticas corporais que se enquadram nesta definição de atividade de oposição.

Gomes *et al* (2008) fazendo referencia à Bayer (1994) apresenta alguns denominadores comuns as lutas (em sua forma geral), que este autor chama de *Princípios Condicionais das Lutas*, quais são: Contato Proposital; Fusão Ataque/Defesa; Imprevisibilidade; Oponente(s) Alvos(s) e Regras.

Independentemente da modalidade ou especificidade da luta, esses aspectos são condições indispensáveis para que uma atividade seja caracterizada como Luta, pois são capazes de delinear o conhecimento e diferenciá-lo dos demais (GOMES *et al.*, 2008).

A partir disso, passaríamos a classificação das lutas quanto às formas de contato e à distância entre os oponentes. Quanto as formas de contato Pereira (2017) cita a classificação de Rodrigues (2000) como *agarre* e *sem agarre*. Ele também relata que na classificação de Scaglia e Gomes (2011) as lutas se classificam quanto ao contato em: *contato contínuo*, *intermitente* e *com mediação*. Buscando facilitar a compreensão deste conhecimento por parte dos alunos, classifiquei as lutas quanto a forma de contato da seguinte maneira: *agarre (ou contato contínuo) x sem agarre (ou contato intermitente, podendo ser este com ou sem o uso de implementos)*.

Quanto à distância utilizei a classificação de Gomes *et al* (2008) que diferencia as lutas em curta, média e longa distancia, fazendo uma relação desta distancia com as formas de contato. A autora relaciona as lutas da seguinte forma:



Gomes *et al.*, 2008; Scaglia e Gomes, 2011

Com isso chegamos (eu, Rodrigo e Thayane) ao consenso dos conhecimentos que trabalharíamos nas aulas:

- Apresentar as lutas como atividade de oposição;
- Classificar as lutas quanto a forma de contato;
- Classificar as lutas quanto a distância;

para a partir disso criarmos junto aos alunos um conceito de %lutas+.

Inicialmente pensamos em organizar as 8 aulas que ministrariamos da seguinte forma:

- Uma primeira aula teórica, para apresentação do tema e discussão com os alunos acerca do conhecimento que possuem sobre lutas;
- Seis aulas teórico/práticas divididas de acordo com a classificação de distância (curta, média, longa - sendo duas aulas para cada)
- Uma ultima aula para fechamento da unidade

Após o fechamento da unidade didática, seria feita a avaliação do processo de ensino/aprendizagem realizado pelos alunos. Rodrigo sugeriu que pedisse aos alunos que realizassem registros das aulas, na forma de desenhos, textos, gravuras, ou mesmo fotografias (esta ultima não foi utilizada por nenhum dos alunos). Acatei a sugestão do professor e fui bem entendido

pelos alunos. Explicamos aos alunos que esses registros deveriam ser feitos como dever de casa, e os lembrávamos isso sempre ao final de nossos encontros.

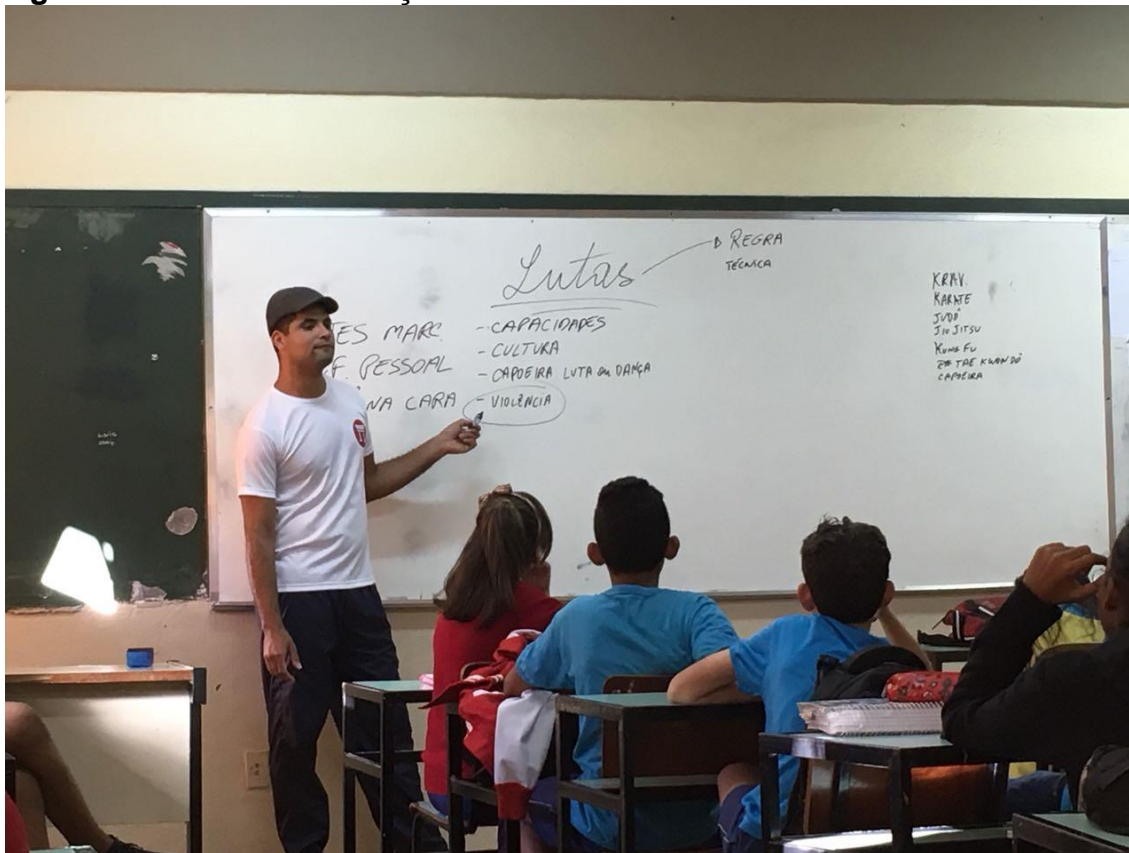
Rodrigo também sugeriu que planejássemos uma aula de cada vez. Assim teríamos uma maior sensibilidade da reação dos alunos e poderíamos planejar melhor a aula seguinte. Sendo assim, planejamos a primeira aula que foi teórica, ministrada em sala de aula, com a finalidade de apresentar o tema Lutas e saber dos alunos que saberes eles possuíam sobre tal.

Passarei agora a descrever as aulas ministradas por mim e por minha colega de estágio Thayane. Para isso descreverei as aulas de modo único, não fazendo distinção entre as duas turmas que participaram deste projeto, uma vez que meu objetivo é relatar minha experiência na docência da EFE, buscando identificar quais conhecimentos necessários para desenvolver as aulas. Assim, embora a participação dos alunos conte, e muito para minha experiência (sem eles seria impossível), não é meu foco e não uso essa participação como parâmetro do desenvolvimento do meu trabalho.

Esclareço que buscamos, Thayane e eu, ministrar as aulas de modo semelhante em ambas as turmas, fazendo os mesmos questionamentos e propondo as mesmas atividades, prevendo os mesmos tempos de aula para ambas. Nas aulas por mim ministradas, Thayane fazia os registros (anotações, fotos, filmagens). Quando ela ministrava os registros eram por minha conta. Mas sempre que possível dividíamos a aula, deixando uma parte ou outra da aula para o colega apresentar, geralmente isso ocorria na parte prática, os jogos/brincadeiras.

Aula 1

Figura 8- anotações das falas dos alunos.



Fonte: arquivo pessoal

Para a primeira aula o planejamento foi apresentar o tema Lutas aos alunos, buscando saber deles o que eles entendiam ou conheciam sobre o assunto para, a partir disso, introduzir o conhecimento de atividade de oposição (NAKAMOTO, 2005) e os princípios condicionais das lutas (GOMES *et al.*, 2008).

Primeiramente o professor Rodrigo apresentou o projeto, passando aos alunos que as aulas dessa unidade seriam ministradas pelos professores Leandro e Thayane. Este processo foi bem tranquilo, uma vez que a maioria dos alunos já nos conhecia, já possuíamos uma certa intimidade.

Esta primeira aula foi por mim ministrada. Tomei a palavra, cumprimentei os alunos e alunas e fiz a primeira pergunta:

- O que vocês entendem, ou que acham que são as lutas?

Começaram a surgir respostas dos alunos, como:

%defesa pessoal+

%soco ou chute na cara+

%luta é violência, fessô.+

Vários alunos responderam que lutas eram modalidades de luta, surgindo os nomes : *karatê, judô, jiu-jitsu, MMA, taekwondo, kung-fu, capoeira, krav maga, etc.*

Outros alunos ousaram mais relacionando as lutas com as capacidades físicas (assunto trabalhado pelo professor Rodrigo no tema Ginásticas), como força, velocidade, equilíbrio.

Fui então anotando no quadro algumas palavras e idéias centrais extraídas das falas dos alunos e realizando outras perguntas para tentar conduzi-los ao objetivo da aula. Então lancei outra pergunta:

- mas toda luta então é isso?... soco na cara, agressão, violência.... é assim mesmo?

Quase que em coro os alunos responderam que não. E numa fala de uma aluna surgiu um dos princípios condicionais:

*- %Não professor, por que cada luta é de um jeito, tem luta que não vale dar soco. Tem **regra** diferente+*

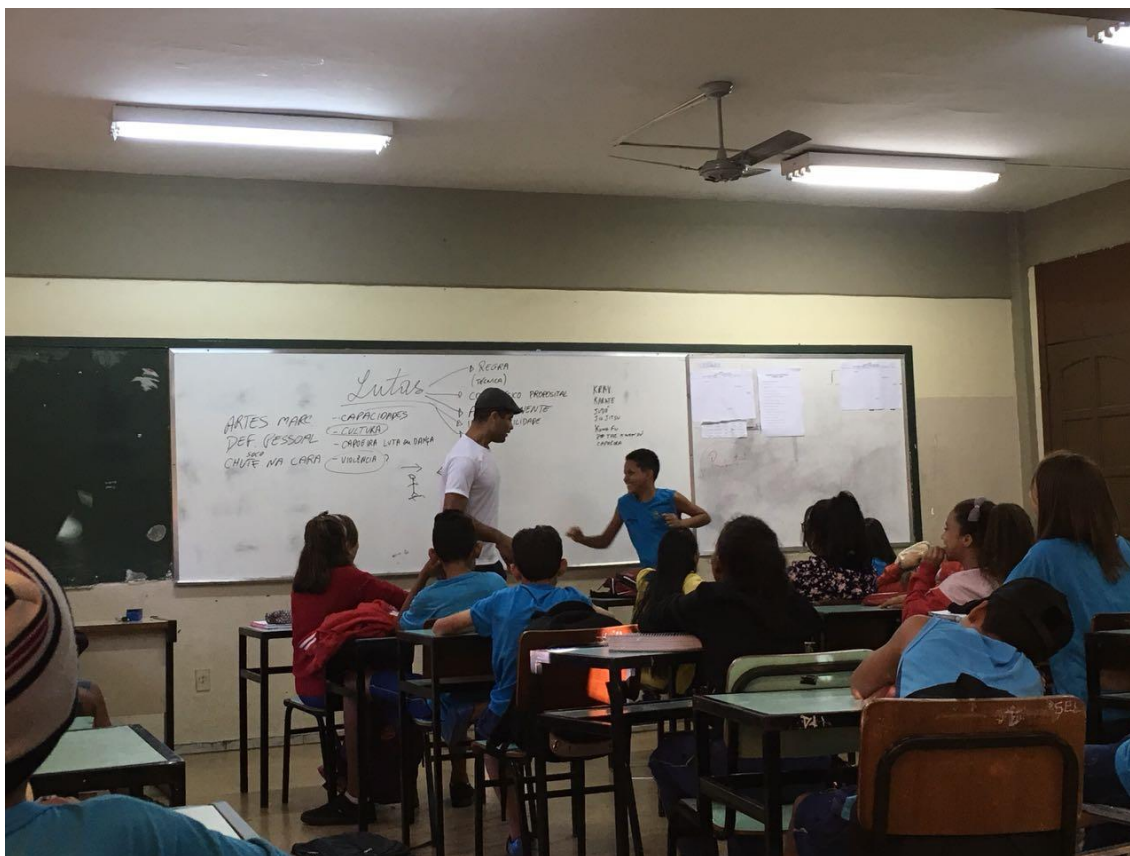
Aproveitando essa fala, fui introduzindo os Princípios Condicionais, tomando um aluno como ajudante (figura 9), demonstrando alguns exemplos de formas de contato, proposital ou não, para falar deste princípio: o **contato proposital**. Combinei com meu ajudante que num primeiro momento esbarrasse em mim, e que depois simulasse um soco em meu braço. A medida em que os alunos percebiam a diferença e em suas falas se aproximavam da idéia central do conceito, eu o anotava no quadro. (fotografia 8). Ao final do exemplo eu perguntava a turma:

- Agora estamos lutando?

- %Sim+- respondeu um.

- ~~N~~ão. Só ele te bateu+ respondeu outro.

Figura 9- aluno me auxiliando em uma aula expositiva



Fonte: arquivo pessoal

Assim prossegui com as perguntas e anotações no quadro. Dessa vez eu e meu ajudante começamos a dar socos e chutes no ar.

- Agora sim. Estamos lutando.

- ~~N~~ão né fessô... tem que acertar ele+ Respondeu um aluno.

Dessa resposta chegamos ao princípio **alvo oponente**. Para chegar ao princípio da **imprevisibilidade** pedi a turma que escolhessem uma modalidade de luta para eu lutar com meu ajudante. Eles optaram pelo *MMA*. Pronto. Vamos lutar *MMA*. Perguntei sobre as regras, eles elencaram o que era e o que não era permitido numa luta de *MMA*. Nos posicionamos para a luta... ali na sala de aula, um frente ao outro, na hora de começar:

- **Espera aí... espera aí... . eu falei . já sabemos as regras, que o contato tem que ter vontade, ou seja, tem que ser proposital, que meu alvo é ele (apontei para meu oponente), mas o que ele vai fazer agora?**

Surgiram algumas respostas:

- *%vai te bater.+ disse um*
- *%vai te dar um soco+ . disse outro*
- *%vai te dar um chute+ - disse um terceiro*

Eu acrescentei:

- **Soco? Chute? Me jogar no chão? O que ele vai fazer? Como vou me defender?**

- *%Não dá pra saber... você tem que ficar ligado.+*

Aproveitei essa fala para expor esse conceito, pois essa palavra (imprevisibilidade) nenhum deles mencionou. Assim passei para o último princípio condicionante. Pedi ao meu ajudante que alternasse os socos comigo. Hora ele me acertava, hora eu o acertava.

- **Pronto. Estamos lutando.**

- *%Nãããoooo... é os dois ao mesmo tempo.+*

- **Ahhhh... muito bem. Mas se é í os dois ao mesmo tempoí eu tenho que me preocupar em atacar e me defender, certo?**

- *%Siiiiimmmmm!+*

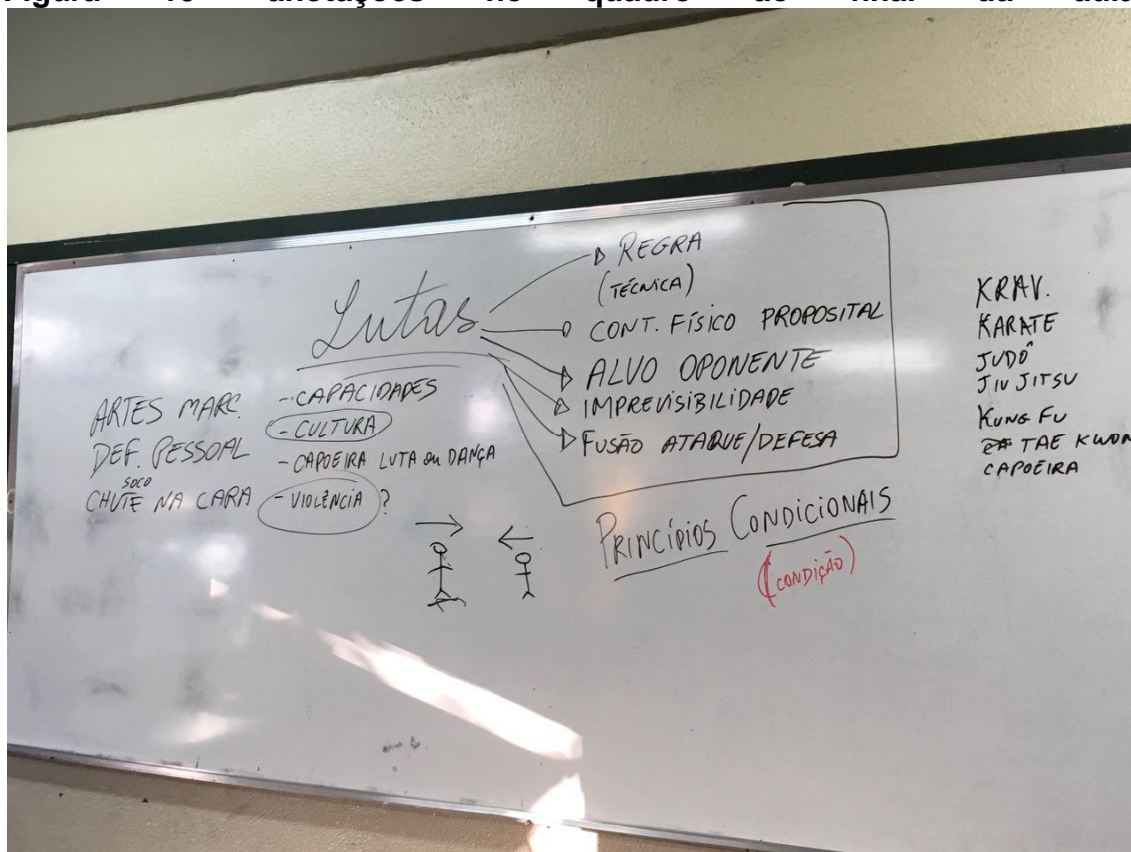
Assim falei da **fusão ataque/defesa**, explicando que esses são os princípios condicionais das lutas.

O tempo da aula acabou e não observei que não tratei das lutas como atividade de oposição. Deu tempo apenas de avisar aos alunos que a próxima aula seria na quadra . essa fala gerou um momento de euforia na turma.

O sinal bateu e um dos alunos se aproxima de mim e fala:

- *Professor gostei muito da sua aula. Cê explica bem. Tô doido pra ver a aula na quadra.*

Figura 10- anotações no quadro ao final da aula



Fonte: arquivo pessoal

Assim encerramos a primeira aula, lembrando os alunos que deveriam fazer os registros de cada aula. Fiquei um pouco preocupado, pois o plano era apresetar as lutas como atividades de oposição, mas acabei fugindo ao planejado e tratando dos princípios condicionais. Fui tranquilizado pelo professor Rodrigo, que me disse que é algo normal de ocorrer com estagiários nas primeiras aulas ministradas. E também fui elogiado por que, embora houvesse fugido do planejado, eu não fugi do tema lutas e consegui passar algo que estava nos nossos objetivos de ensino/aprendizagem (figura 10).

Aula 2

Para a segunda aula realizamos nossa reunião prévia, onde propuz que utilizássemos os jogos/brincadeiras como forma de ensino. Pensei assim pois o jogo, a brincadeira, é algo presente na realidade da maioria dos alunos, tanto dentro como fora do ambiente escolar. Tal fato torna o jogo/brincadeira um facilitador no processo ensino/aprendizagem, como cita Pereira (2017) *apud* Freire (2002); Scaglia (2007):

“O jogo tem caráter educativo, pois, através dele, constroem-se habilidades como as de imaginar e criar. O jogo propicia liberdade de expressão, tornando-se um facilitador do aprendizado.”

Quanto a essa escolha o professor do campo de estágio concordou plenamente, uma vez que ele também utiliza tal recurso em suas aulas, os alunos já compreendem esta forma de ensino. Porém, Rodrigo me fez um pedido, que iniciasse com o ensino das formas de lutas de *“não agarre”*.

Perguntei o motivo e ele respondeu que temia quanto a receptividade dos alunos.

“O agarre, o contato contínuo, é uma coisa um pouco invasiva. O toque no corpo da pessoa de forma proposital e contínua pode ser algo que incomoda. Não sei como os alunos vão entender essa proposta. Pode ser que aceitem numa boa, pode ser que não. Poderíamos começar então com o contato intermitente, lutas de média distância.” fala do professor do campo de estágio.

Entendi a preocupação do professor e passei então a pensar em jogos de lutas de média distância com contato intermitente. Os alunos ainda não estavam familiarizados com essa classificação das lutas, e pensei em como iríamos tratar tais conceitos com eles, antes ou após os jogos. Decidimos em conjunto que melhor seria deixar que os alunos vivenciassem as práticas, os jogos/brincadeiras e após isso, no final da aula prática ou no início da aula seguinte, conversar com eles sobre as formas de classificação das lutas. Essa é a forma que observamos Rodrigo utilizar com seus alunos. Sempre ao final de uma aula ele reserva um tempo para questionar seus alunos sobre as

percepções da aula, sobre os conceitos que ele ensina. Da mesma maneira ele age no início de cada aula. Rodrigo afirma que isso auxilia os alunos a memorizar o conteúdo trabalhado. Comumente ele também faz perguntas no meio das aulas, a fim de fixar o que é trabalhado.

Então para essa segunda aula optamos pelo jogo do *Rouba Colete* para iniciar a aula. Neste jogo, a turma é dividida em duplas, cada um com um colete preso na altura da cintura. O que ocorre é um combate entre a dupla, onde o objetivo é tomar o colete do oponente.

Nesse jogo não estão presentes todos os princípios condicionais das lutas, a saber, o alvo deixa de ser o oponente para ser o colete. A intenção é que isso seja percebido pelos alunos. Assim que percebem o jogo seria substituído por outro, o jogo do *Toque no Oponente*. Neste jogo, o objetivo passa a ser tocar uma parte específica do corpo do oponente.

A fim de evitar possíveis desavenças começamos com o toque no joelho/perna, alternando depois para tronco/ombros, evitando a região de cabeça/rosto. Escolhido os jogos e feito o plano de aula, fomos para a aula.

Começamos esta aula já propondo o primeiro jogo/brincadeira dos coletes. Após, explicar como seria a atividade, pedimos que eles se organizassem em duplas e distribuimos os coletes. Assim começou a brincadeira.

Logo de início percebemos algo que nos deixou apreensivos. Ocorreu que ao invés de se *enfrentarem* para roubar o colete do colega, muitos estavam fugindo do oponente, transformando o jogo em uma atividade de perseguição e não de oposição (figura 11). Aproveitando o amplo espaço da quadra, eles corriam em todos os sentidos para não deixar que lhes tomassem o colete.

Fiquei um pouco indeciso sobre como deveria agir. Qual seria a intervenção que faria. Perguntei a Rodrigo se deveria explicar melhor a brincadeira, expondo essa questão aos alunos. Rodrigo me orientou que era melhor deixar que os alunos notassem isso, mas sugeriu que pensássemos em outra intervenção para solucionar o problema, sem dar a resposta aos alunos.

Então eu e Thayane sugerimos delimitar os espaços, limitando a área de combate. Rodrigo acenou positivamente e nos pediu que tentássemos.

Figura 11- alunos fugindo, ao invés de se enfrentarem



Fonte: arquivo pessoal

Assim fizemos uma pequena intervenção pedindo aos alunos que observassem as marcas dos quadrados da quadra (o piso da quadra é feito de placas de concreto, com dimensão aproximada de 1m x 1m). Pedimos que não utilizassem mais do que 2 quadrados como espaço de combate.

Continuamos a aula e, agora sim, os alunos começaram a se enfrentar e a brincadeira começou a ter o sentido que esperávamos (figura 12). Os alunos pararam de correr pela quadra e focaram mais em tomar o colete um do outro. A estratégia de defesa passou a ser a utilização das mãos e do corpo para impedir a tomada do colete, e não mais a fuga como antes. Repetimos o jogo pedindo aos alunos que trocassem as duplas, para enfrentarem opositores diferentes, com diferentes velocidades, compleições físicas, etc.

Figura 12- jogo do Í rouba coleteí , após a intervenção dos professores.

Notem que os alunos estão mais próximos e a maioria de frente um para o outro



Fonte: arquivo pessoal

Deixamos a brincadeira fluir por um tempo até realizarmos a intervenção que estava programada, já que a primeira que fizemos se deu em razão do inesperado. Nessa intervenção relembramos com os alunos os princípios condicionais das lutas, os quais havíamos trabalhado na aula anterior. Ao questionarmos sobre a relação do jogo realizado com os princípios condicionais, grande parte dos alunos identificou facilmente a falta do oponente como alvo, pois, no jogo o alvo era o colete e não o oponente. Isso nos surpreendeu positivamente, foram poucos os alunos que não se manifestaram ou responderam de outra forma.

Diante disso propusemos a outra brincadeira do 'que no oponente', conforme o planejado (figura 13).

Figura 13- jogo do Í Toque no oponentel



Fonte: arquivo pessoal

Iniciamos com o toque no joelho, alternando depois para outras partes do corpo. Procedemos como no jogo anterior, pedindo aos alunos que trocassem de oponentes vez ou outra.

Faltando cerca de 5 minutos para o término da aula, reunimos os alunos em roda para conversarmos sobre a prática do dia. Relembramos o início da primeira brincadeira, quando eles estavam fugindo uns dos outros, para questionar se eles haviam entendido o que ocorrera. Talvez pelo entusiasmo e cansaço da atividade que haviam acabado de realizar, a maioria se calou. Achei por bem então expor o problema. Disse a eles que quando um foge do outro não há combate, não há enfrentamento e sim perseguição. Quando alguém foge não há oposição, não tem oponente, logo, não há alvo. Assim encerramos a aula definindo as lutas como atividades de oposição, como pretendíamos ter feito na primeira aula.

Após o encerramento das aulas Rodrigo comentou que conseguimos desenvolver bem as atividades, mantendo a atenção dos alunos às nossas intervenções e explicações, e ainda conseguimos apresentar as lutas como atividades de oposição, algo que poderia ajudar na formação dos conceitos por parte dos alunos.

Aula 3

Para terceira aula nosso cronograma previa uma segunda aula prática com atividades de lutas de média distância/ contato intermitente/ sem implementos. Contudo uma série de eventos sucessivos interferiram no bom seguimento do nosso cronograma. Primeiramente o professor Rodrigo precisou ausentar-se uns dias por conta do nascimento de seu filho. Quando de seu retorno, havia um evento da escola programado para os alunos, uma excursão. Isto nos atrasou umas duas semanas.

Com o retorno das aulas nos sentamos para programar a sequência da unidade. Devido aos atrasos, seguir o cronograma tornou-se complicado. Corríamos o risco de não conseguir terminar a unidade didática antes do recesso do mês de Julho na GETECO e do término do semestre na UFMG.

Diante dessa dificuldade Rodrigo sugeriu que deixamos de aplicar a segunda aula prática das lutas de média distância, alegando que, na percepção dele, os alunos demonstraram ter entendido tal parte, e que alguma dúvida ou outra que surgisse no decorrer das aulas poderia ser sanada com nossas explicações.

Dessa forma demos sequência com as lutas de curta distância, que era o grande temor do professor Rodrigo. Começamos a pensar quais atividades poderíamos usar para amenizar a questão do contato contínuo, sem que isso fosse percebido pelos alunos como algo muito invasivo.

Eu havia pensado em um jogo/brincadeira que eu e Thayane já havíamos vivenciado nas aulas de Ensino de Lutas, seria uma disputa entre dois oponentes onde o objetivo seria retirar o adversário de um determinado espaço. À essa brincadeira chamamos de Jogo do Empurra-Empurra.

Rodrigo ainda se mostrava receoso e sugeriu que usássemos algo que não deixasse esse contato entre os alunos ser direto num primeiro momento. Pensamos naquelas grandes bolas usadas em pilates/ginásticas. Como não

dispúnhamos delas, a maior bola que tínhamos era a bola de basquete. Então decidimos começar o jogo com as bolas de basquete.

Na hora da aula, como de costume, começamos com uma conversa relembrando o que tínhamos trabalhado a duas semanas atrás, as atividades que realizamos, perguntando sobre os princípios condicionais das lutas. Relembramos os episódios de fuga de alguns alunos, usando essa parte da nossa conversa para reafirmar as lutas como atividade de oposição, onde o alvo é meu oponente. Logo após descemos para a sala de lutas (tatame) onde começamos as atividades de lutas de curta distância/contato contínuo.

Apresentamos o jogo do Empurra-Empurra, inicialmente utilizando uma bola de basquete, explicamos as regras, delimitamos os espaços e fomos para a brincadeira (figura 14).

O jogo/brincadeira contou com a participação da grande parte das turmas. Em ambas alguns poucos alunos preferiram não participar, isso no início da aula. Após algumas repetições e trocas de parceiros, os que estavam apenas assistindo arriscaram entrar na brincadeira, mesmo que parcialmente, voltando a assistir os colegas após algumas tentativas.

Isso nos permitiu ir para a segunda parte da aula, que era esse mesmo jogo/brincadeira, porém, sem a bola. Essa era a parte que Rodrigo mais temia. Ocorreu que, para surpresa de Rodrigo e nosso alívio, os alunos agiram com muita naturalidade.

Alguns acharam até melhor, pois a bola os dava instabilidade nos movimentos. Nessa parte combinamos como regra que o toque no corpo do oponente deveria limitar-se a manter as mãos nos ombros (figura 15).

Assim a aula continuou, contando com a participação de praticamente todos os presentes. Meninos e meninas se desafiando, os que perdiam uma disputam queriam revanche, alguns já se propunham a trocar as duplas para enfrentar pessoas diferentes, meninas desafiaram meninos e virse-versa.

Figura 14- alunos participando de aula de lutas de curta distância



Fonte: arquivo pessoal

Ao final da aula fizemos nossa tradicional roda de conversa. Buscamos entender as percepções dos alunos sobre a atividade realizada. Foi nessa parte da aula que descobrimos, pela fala de alguns alunos, que a brincadeira foi melhor quando retiramos a bola. Isso surpreendeu positivamente o professor Rodrigo, pois, ele temia a aceitação dos alunos ao toque direto no corpo. Após o encerramento das aulas, enquanto fazíamos nossas considerações sobre as atividades do dia, Rodrigo nos disse que talvez o que tenha contribuído para essa boa aceitação foi o fato de delimitar o local de contato (nos ombros) através de uma regra. Para ele isso reafirmou a regra como princípio condicional das lutas, e pode ter encorajado um ou outro aluno que pudesse ter receio de tal forma de contato.

Assim terminamos nossa terceira aula. Bastante empolgados, principalmente por termos que mudar o plano de aula, pelo tempo que ficamos sem contato com os alunos, situações adversas que não há como vivenciar na nossa formação acadêmica, senão nesta fase de estágio onde mais nos aproximamos da realidade da profissão.

Aula 4

Durante o tempo em que pensávamos nossas aulas planejamos um momento de uma pequena mostra de vídeos curtos de variados tipos de lutas que coincidissem com a nossa classificação, ou seja, lutas de curta, média e longa distâncias; e de formas de contato variado: com agarre, sem agarre com e sem implementos.

Enquanto escolhíamos os vídeos a serem mostrados, nos chamou atenção um vídeo sobre a luta indígena brasileira *Uka Uka+*. Uma luta de curta distância, de agarre. Como ainda tínhamos uma aula prevista para tratar esse tema, propusemos ao professor Rodrigo de realizarmos nessa próxima aula a apresentação da luta *Uka Uka+*.

O professor gostou da ideia e começamos a pensar como seria. Pesquisamos quais as regras utilizadas pelos povos indígenas nessa luta, e quais seriam as regras que aplicaríamos aos alunos. Fizemos poucas alterações, para os índios tocar nas coxas é crucial, vence a luta quem toca na coxa do oponente, ou o coloca de costas no chão. Não consideramos tal regra, considerando vencedor da brincadeira aquele que deixasse o oponente de costas no chão. Outra regra que mudamos, essa por questão de segurança, foi que originalmente essa luta começa com os participantes de pé, e nós optamos por começar os *combates+* de joelhos, reduzindo as quedas.

Figura 15. Alunas se enfrentando no jogo do Empurra-Empurra, agora com o contato direto.



Fonte: arquivo pessoal

Assim fomos para a aula. Desta vez não iniciamos com a tradicional conversa em sala de aula, fomos direto para o sala de lutas (tatame). Contextualizamos os alunos contando uma breve história da luta, o que representa para os índios, dividimos a turma em duas equipes para dar mais dinâmica a atividade. Os combates aconteceram no centro do tatame, uma dupla por vez, e os demais alunos ficavam na torcida cada qual por sua equipe

(figura 16). Essa aula foi bastante animada, tivemos dificuldade na hora de encerrar a brincadeira para a nossa conversa final. Separamos um tempo maior para essa conversa, uma vez que não tivemos uma conversa inicial como de costume.

Mais uma vez a participação dos alunos foi grande. Apenas 3 ou 4 alunos não quiseram se envolver diretamente. O fato de dividirmos a turma em duas equipes também contribuiu para o bom andamento da aula. Os alunos queriam que sua equipe saísse vitoriosa, uma vez que o vencedor de cada embate pontuava para sua equipe. Eles encorajavam os colegas que lutavam, davam orientações durante as lutas e traçavam estratégias para alcançarem a vitória. Se envolveram bastante.

Com tanta euforia dos alunos, e diante de pedidos de ~~deixar~~ mais uma luta professor+, encerramos essa parte da aula para conversarmos sobre as experiências vivenciadas até aquele momento (figura 17).

Começamos nossa conversa lembrando as brincadeiras que realizamos desde o início de nossa unidade didática (Rouba colete/ Toque no joelho/ Empurra-empurra). E fiz um questionamento:

- O que vocês sentiram, ou perceberam de diferença nessas atividades que realizamos?

- Eu usei mais força! . respondeu um aluno

- Teve contato físico. . respondeu outro.

- Mas no jogo do toque no joelho também teve contato físico. É eu indaguei.

- Mas nesse de hoje e no de empurrar foi maior.

Senti que esse seria o momento de aproveitar a fala e a vivência dos alunos para introduzir a classificação das lutas quanto a distância e suas formas de contato. Então, aproveitei o momento e juntos, professores e alunos, fizemos as distinções das lutas de curta e média distância, fazendo relação com as formas de contato: agarre x sem agarre.

Figura 16. Alunos se enfrentam no Í Uka Ukaí



Fonte: arquivo pessoal

Figura 17. Discussão com os alunos sobre a classificação das lutas



Fonte: arquivo pessoal

Assim encerramos nossa quarta aula, com essa conversa com os alunos e refletindo sobre os saberes trabalhados. Conversando ao final com o professor do campo de estágio, ele fez uma consideração. Ele nos aconselhou a praticar o jogo/brincadeira que escolhemos para a aula previamente à aula, ou a pensarmos bem nas possibilidades de erros e acertos, pois, ao tentar prevenir possíveis lesões dos alunos propondo iniciar a atividade de joelhos, ao invés de iniciar de pé, os expusemos a outra forma de risco de lesões nos joelhos e tornozelos, por conta da forma que praticavam a luta. Mas também concordamos que o risco de lesões em uma aula pratica de EFE sempre existe, temos que sempre pensar bem e buscar formas de minimizá-los.

Aula 5

Para nossa quinta aula programamos dois momentos. Num primeiro momento haveria uma mostra de vídeos curtos sobre diferentes tipos de lutas para tratarmos com os alunos sobre as distâncias e as formas de contato das lutas. E para um segundo momento iríamos para a quadra realizar atividades que iniciassem o trabalho com as lutas de longa distância.

Para a parte da mostra de vídeos eu escolhi aleatoriamente vídeos curtos (cerca de 30 segundos cada) de diferentes modalidades de lutas que se enquadrassem na classificação que estava sendo trabalhada com os alunos. Assim, para as lutas de CURTA DISTÂNCIA - AGARRE escolhi vídeos das lutas judô, luta de braço, sumô e huka-huka; MÉDIA DISTÂNCIA . S/AGARRE / S/IMPLEMENTOS escolhi vídeos de karatê, capoeira e boxe; LONGA DISTÂNCIA . S/AGARRE / C/IMPLEMENTOS escolhi vídeos das lutas kendô e esgrima. Essa mostra seria feita na sala de vídeo da escola onde pretendíamos ir mostrando os vídeos e questionando os alunos acerca da classificação das lutas.

Para a parte prática propuz o jogo/brincadeira do %derruba cone+, jogo onde dois oponentes disputam quem derruba primeiro um cone com o auxílio de um bastão. Este jogo trabalha a velocidade de reação dos participantes. Outro jogo/brincadeira que pensamos foi o %clock-punch+. Nesse jogo vários cones ficam agrupados próximo a um participante que gira o ponteiro do %clock+ (relógio). Esse ponteiro é uma corda que em sua ponta leva amarrada uma luva de boxe, para fazer o %punch+ (soco). O objetivo é conseguir recolher os cones sem ser atingido pela luva. Esse jogo trabalha a questão do avançar e recuar, presente em lutas que usam implementos como a esgrima.

Discutido o planejamento da aula fomos para a prática. Contudo houve um novo imprevisto. Algum outro professor da GETECO não observou que havíamos reservado a sala de vídeo. Quando chegou o horário da aula havia outra turma utilizando o espaço. Isso exigiu que eu pensasse rápido e desse uma solução ao problema. Sem muito o que fazer pensei em ir direto para a quadra, mas a parte da aula de discutir as classificações era muito importante também. Então, junto com minha companheira de estágio, resolvi ir

primeiramente para sala de aula e utilizar o tempo programado para discussão, cerca de 20min, mesmo sem os vídeos.

Já em sala de aula, iniciamos com nossa conversa questionando os alunos sobre os conceitos até então trabalhados, os princípios condicionais das lutas, as diferenças das atividades já realizadas nas aulas anteriores e com base nas respostas expus que as lutas podem ser classificadas de acordo com a forma de contato e com a distância que há entre os oponentes. Foi algo que já havíamos iniciado uma discussão no final da aula anterior. Isso facilitou que os alunos recordassem e participassem.

Aproveitando essa participação dos alunos, escrevi no quadro duas colunas, uma com as formas de distâncias das lutas e noutra as formas de contato e pedi a alguns alunos vissem ao quadro e relacionassem as colunas (figuras 18 e 19). Logo após elenquei umas modalidades de lutas e os pedi que classificassem essas lutas. Citei as lutas que havia escolhido para mostrar no vídeo, claro que perguntando se eles conheciam tais modalidades. Nessa parte da aula ocorreu algo novo. Surgiu uma classificação que não tínhamos pensado e nem visto em nenhum outro trabalho (na parte da revisão literária). Um dos alunos, na primeira turma que dei aula nesse dia, questionou:

- %Essô mas no MMA pode ter agarre e não agarre ao mesmo tempo. Como que fala então?+

- **Muito boa pergunta.** - Respondi.- **Alguém sabe o que significa MMA?**

Alguns responderam com o termo em inglês mesmo, *Mixed Martial Arts*, como é apresentado pela mídia televisiva. Expliquei que o termo está em inglês e lhes dei o significado, Artes Marciais Mistas. Expliquei que no MMA praticam-se varias formas de lutas em uma luta só. E nesse momento me veio uma luz de que algumas modalidades de luta podem ter formas de contato e distância variadas, ou mistas. É o caso do *sumô*.

Figuras 18 e 19- alunas participando da parte expositiva da aula



Fonte: arquivo pessoal

Então perguntei a eles:

- Sem ser MMA, vocês conhecem outra luta que, para vencer, o participante pode usar de formas de contato e distância variadas?

Ficaram um tempo pensando até que um aluno respondeu:

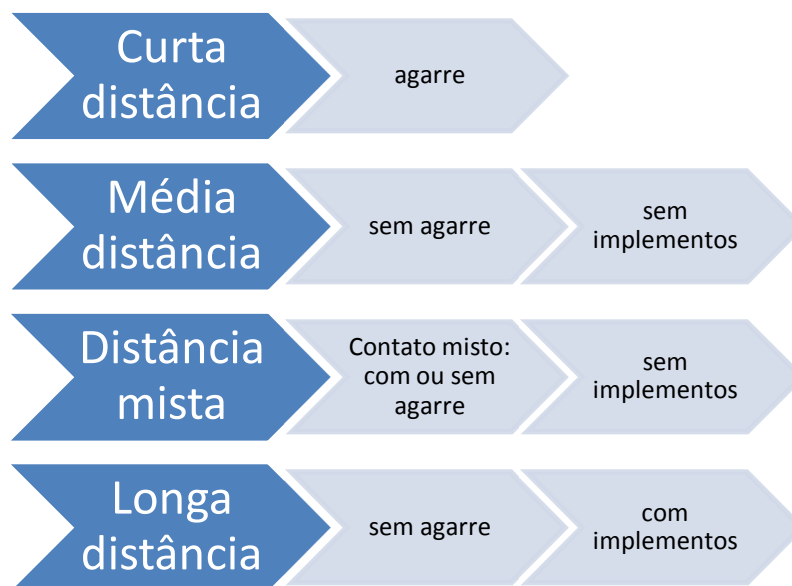
- %O sumo professor.+

Pedi que me explicasse.

- %Por que no sumô um tem que tirar o outro daquela roda (se referindo ao espaço destinado a luta, ou arena) e pode tirar ele empurrando agarrado ou dando uns tapas.+

Elogiei a todos pela participação e pela observação. Expliquei que o contato no sumô pode mesmo ser com ou sem agarre, o que faz variar também a distância que pode ser curta ou média, dependendo da estratégia e da forma que o participante quer lutar. Assim surgiu entre nós uma nova classificação

quanto à distância e à forma de contato, a qual chamamos de %mista+. Assim nosso quadro de classificação das lutas ficou dessa forma:



Adaptação: nova classificação discutida em classe com os alunos

Assim terminamos essa parte da aula e descemos para a quadra para a nossa parte prática da aula. Para render o tempo, já fomos logo para os jogos. Primeiro o %derriba cone+ e na sequência o %lock-punch+ (figuras 20 e 21). Thayane, minha parceira, havia se antecipado e separado os materiais que usaríamos na aula.

Fiquei com impressão de que poderíamos ter repetido essas brincadeiras em outra aula, ou talvez praticá-las em aulas distintas, pois o envolvimento e a participação foi grande e tempo foi pouco, devido a parte em que ficamos na sala de aula. Mas o fato de começar a aula de forma diferente do previsto já havia de certa forma desorganizado meu pensamento para a aula.

Ao final da aula perguntei aos alunos com que tipo de classificação de lutas as atividades realizadas na aula mais se encaixavam. Todos foram unânimes em responder %com as de longa distância, sem agarre e com implemento+.

Figura 20- jogo do Í derruba coneî



Fonte: arquivo pessoal

Figura 21- jogo do Í clock punchi



Fonte: arquivo pessoal

Assim fechamos essa quinta aula. Mais uma vez o professor Rodrigo nos elogiou. Dessa vez por superar o imprevisto surgido na hora de dar a aula. Em sua fala Rodrigo ainda me disse que imprevistos sempre ocorrem na escola, e que para essas horas é sempre bom ter um plano B+, já ter algo em mente caso isso ocorra em nossas aulas. Ao planejar uma aula devo planejar também o que fazer caso algo não saia como esperado, como ocorreu no início da aula, quando a sala de vídeo estava indisponível, e também durante a explanação, quando identificamos uma outra forma de classificação das lutas. Sobre esse último fato Rodrigo disse que me saí muito bem. Disse a ele que só consegui essa proeza por pesquisar sobre o sumô antes de citá-lo. Isso me permitiu falar com mais propriedade sobre a luta quando identificamos que ela variava nas suas formas de distância e de contato.

Aula 6

Para a sexta aula programamos a continuação do trabalho com as lutas de longa distância. Como na aula anterior havíamos trabalhado apenas com atividades que fazem menção, ou melhor, que se aproximavam dessa forma de luta, para esta aula pensei numa atividade que trouxesse de fato uma

experiência de luta de longa distância, com implemento, que atendesse aos princípios condicionais das lutas, de forma bem clara e simples.

Assim, pensei em utilizar os materiais que a escola dispunha que pudessem agregar na aula. Pensei num jogo que denominamos *luta de bastões*. Esse jogo/brincadeira consiste em atingir o oponente com o bastão, podendo utilizar o bastão também para se defender dos ataques adversários. E afim de evitar lesões utilizamos os coletes protetores disponíveis na GETECO.

Os bastões eram feitos de cano de PVC, cobertos por espuma e EVA, de forma a reduzir bastante a possibilidade de algum aluno se machucar. E para reduzir ainda mais este risco, pois eliminá-lo de vez penso ser impossível em se tratando de lutas, limitamos o contato a região do colete protetor. Ou seja, só marca ponto quando atinge o oponente na região do colete. Para tornar o jogo/brincadeira mais dinâmico, limitamos o espaço de *combate*, marcando o chão com fita. Fizemos varias áreas de combate e durante a aula fomos trocando as duplas (figura 22).

Figura 22- jogo luta de bastões



Fonte: arquivo pessoal

Durante essa aula tivemos que fazer uma pequena intervenção, pois, de inicio não ficou claro para os alunos a questão da fusão ataque/defesa. Grande partes dos alunos preocupou-se apenas em atingir o oponente o maior número

de vezes, não se ocupando em defender-se dos ataques adversários. Mas após uma breve explicação a brincadeira continuou.

Interessante nessa aula foi o fato de nós, os professores, sermos desafiados pelos alunos (figuras 23 e 24) a participar das atividades. Topamos e participamos. Cada ponto marcado nos professores era muito comemorado. Isso tornou a aula mais divertida ainda.

Nesta aula utilizamos apenas esta atividade, embora já havíamos pensado em variações e outros jogos/brincadeiras para qualquer caso de imprevistos, o que não foi o caso.

Figuras 23 e 24- professores Leandro e Rodrigo participando de um jogo/brincadeira.



Fonte: arquivo pessoal

Ao final da aula reunimos os alunos como de costume, trazendo questionamentos sobre a relação da atividade praticada com os princípios condicionais, a classificação das lutas e também com conceitos já aprendidos em outras aulas anteriores à nossa unidade didática de lutas.

Assim terminamos a divisão das aulas que havíamos programado, com a única diferença que aplicamos apenas uma aula das lutas de média

distância, sem agarre. Pelo nosso cronograma ainda teríamos duas aulas a ministrar, mas devido as paralisações e ausências do professor Rodrigo por problemas particulares nosso tempo estava bastante escasso. Restavam poucas aulas antes do recesso escolar. Então programamos as aulas da seguinte forma: uma aula onde proporíamos aos alunos que criassem jogos/brincadeiras de lutas que observassem os princípios condicionais das lutas; e na ultima aula eles fariam uma mostra dos jogos/brincadeiras criados.

Porém mais uma vez fomos surpreendidos negativamente. A pedido do diretor da escola, uma das varias turmas que estavam sem professor em sala foi agregada à nossa aula (em uma das turmas que trabalhamos). Por esta razão não conseguimos cumprir nosso plano. Como solução antes da turma agregada chegar, dividimos a turma em grupos e passamos a atividade como trabalho, ou dever de casa. Assim esperávamos que na próxima aula pudessemos atingir o objetivo. Na outra turma conseguimos fazer a proposta em sala de aula mesmo. Dividimos os grupos e os deixamos a vontade para criar os jogos/brincadeiras.

Talvez tenha falhado na programação desta aula, algo que poderia ter saído melhor se essa parte de criar os jogos/brincadeiras fosse feita na quadra, disponibilizando aos alunos os materiais da escola, isso poderia ter aguçado a criatividade dos alunos. Sobre isso o professor Rodrigo nos criticou no final da aula, mas disse que deixou o nosso planejamento acontecer na expectativa de que nós percebêssemos tal falha. Mas sempre nos incentivando ele disse que é normal cometer pequenas falhas no planejamento das aulas, e que tal fato não deveria ser fator desmotivador em nossa carreira.

Infelizmente havia chegado a ultima semana de aula antes do recesso e devido às provas bimestrais o calendário escolar foi alterado. Isso impossibilitou que aplicássemos a ultima aula, na qual os alunos nos apresentariam os jogos/brincadeiras criados por eles. Nos restou então apenas recolher os registros das aulas feitos pelos alunos. Esses registros foram são textos e desenhos, feitos pelos alunos como forma de registro das aulas vivenciadas, dos quais, escolhi aleatoriamente alguns para mostrar (figuras 25

a 28). Esses registros foram utilizados por Rodrigo na avaliação de seus alunos, como havíamos idealizado no nosso projeto.

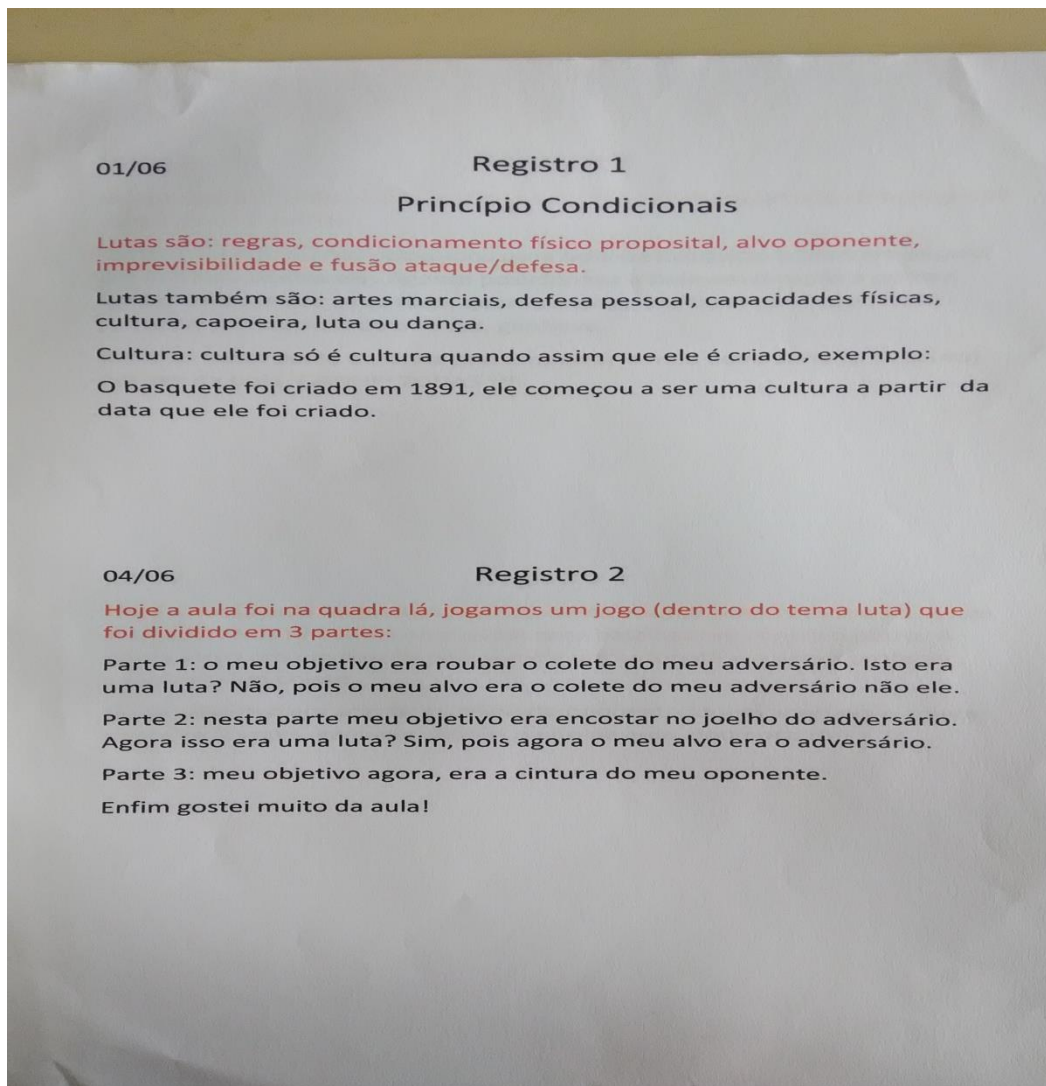
Assim encerramos nossa unidade didática de ensino de lutas, aplicando 6 das 8 aulas programadas. Com um balanço positivo, pois conseguimos apresentar os conceitos de classificação das lutas como havíamos pensado.

Rodrigo ficou feliz e nos disse que o que trabalhamos com os alunos o possibilitará retomar o tema futuramente de maneira mais profunda, pois, agora os alunos já possuem certo conhecimento do tema, sempre trabalhando na lógica do ensino em espiral.

Para mim ficou uma sensação de alívio por ter encerrado a unidade didática sem nenhum aluno se machucar. Mas restou um certo desapontamento por não conseguir aplicar todas as aulas planejadas, sobretudo as aulas em que os alunos criariam e nos apresentariam as atividades desenvolvidas por eles. Queria muito que essa parte da unidade fosse aplicada pois acredito que isso nos daria uma melhor percepção acerca da apropriação do conhecimento compartilhado com os alunos.

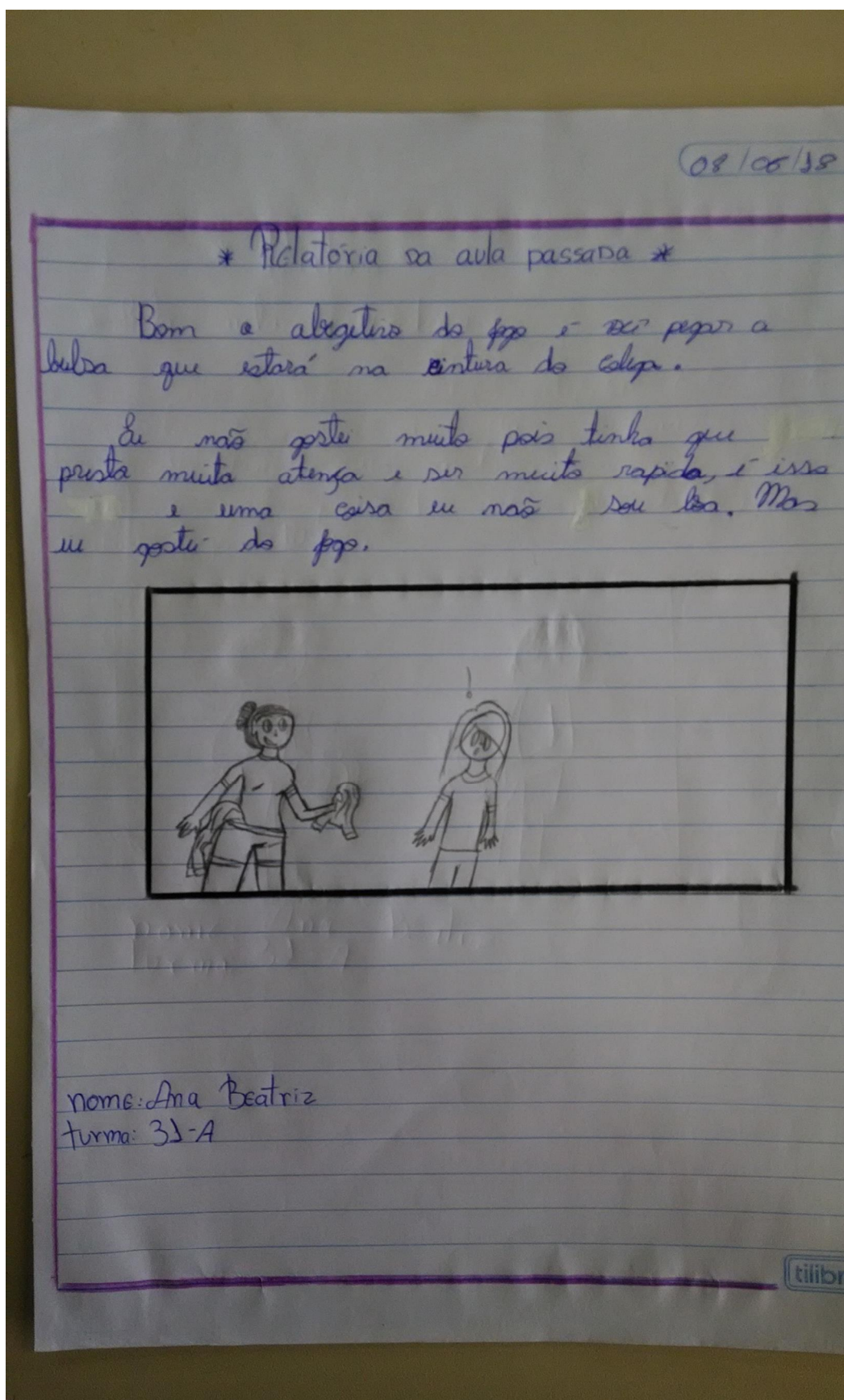
Mas posso dizer que, como Rodrigo costuma nos dizer, ~~na~~ escola é isso+. Assim nessa experiência vivenciei na prática os encontros e desencontros, os acertos e desacertos que compõem essa realidade escolar que me aguarda fora das paredes da UFMG. Aulas que vão sair como planejadas, aulas que terei de me adaptar rapidamente para não perder a atenção e participação dos alunos, aulas que por força maior nem irão acontecer; paralisações e greves; eventos do calendário escolar. Tudo isso compõe a escola, e nessa composição é que a EFE está inserida e que temos que fornecer conhecimento, compartilhar conhecimento com os alunos, sempre com o compromisso da formação dos indivíduos ali presentes.

Figura 25



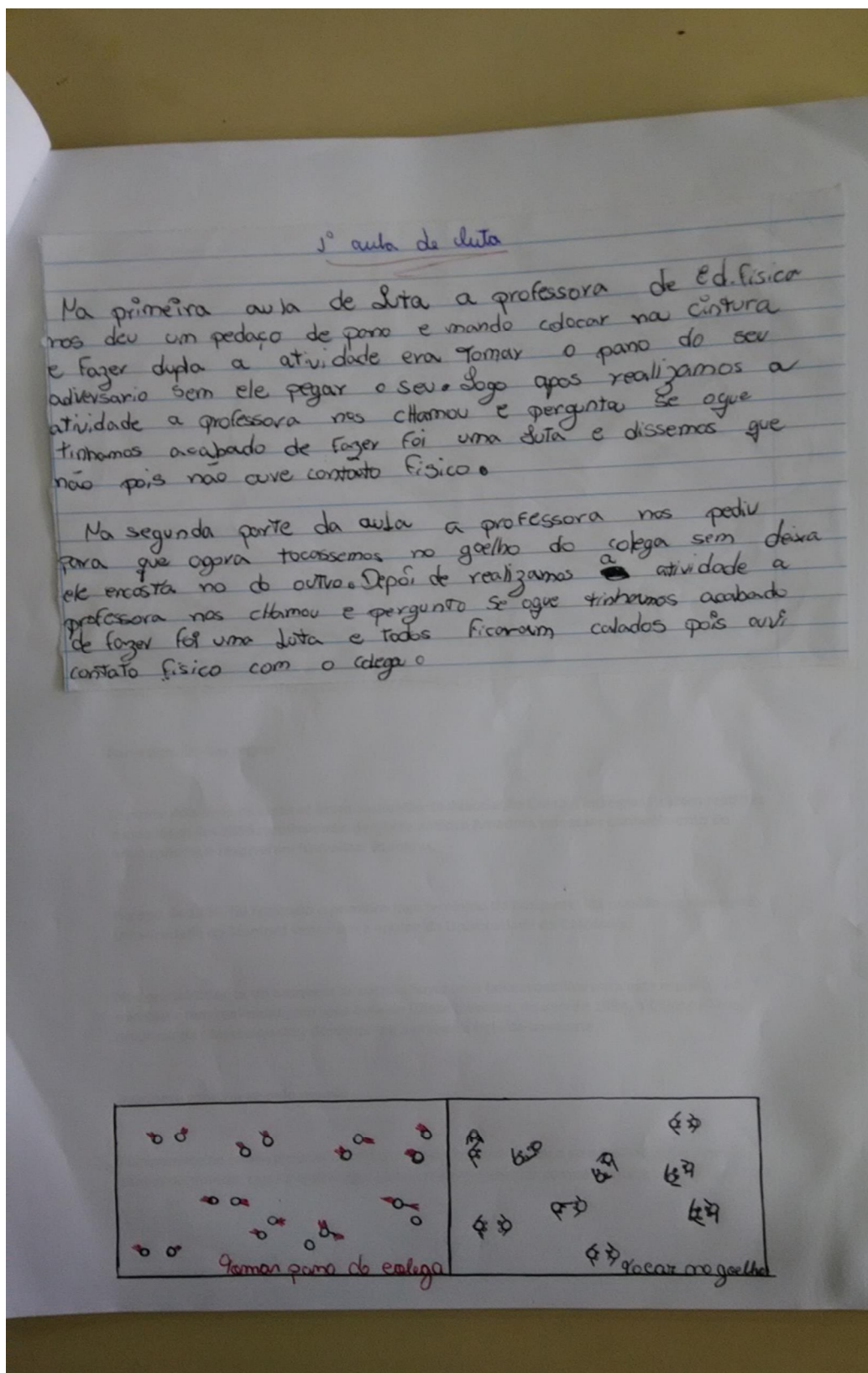
Fonte: arquivo pessoal

Figura 26



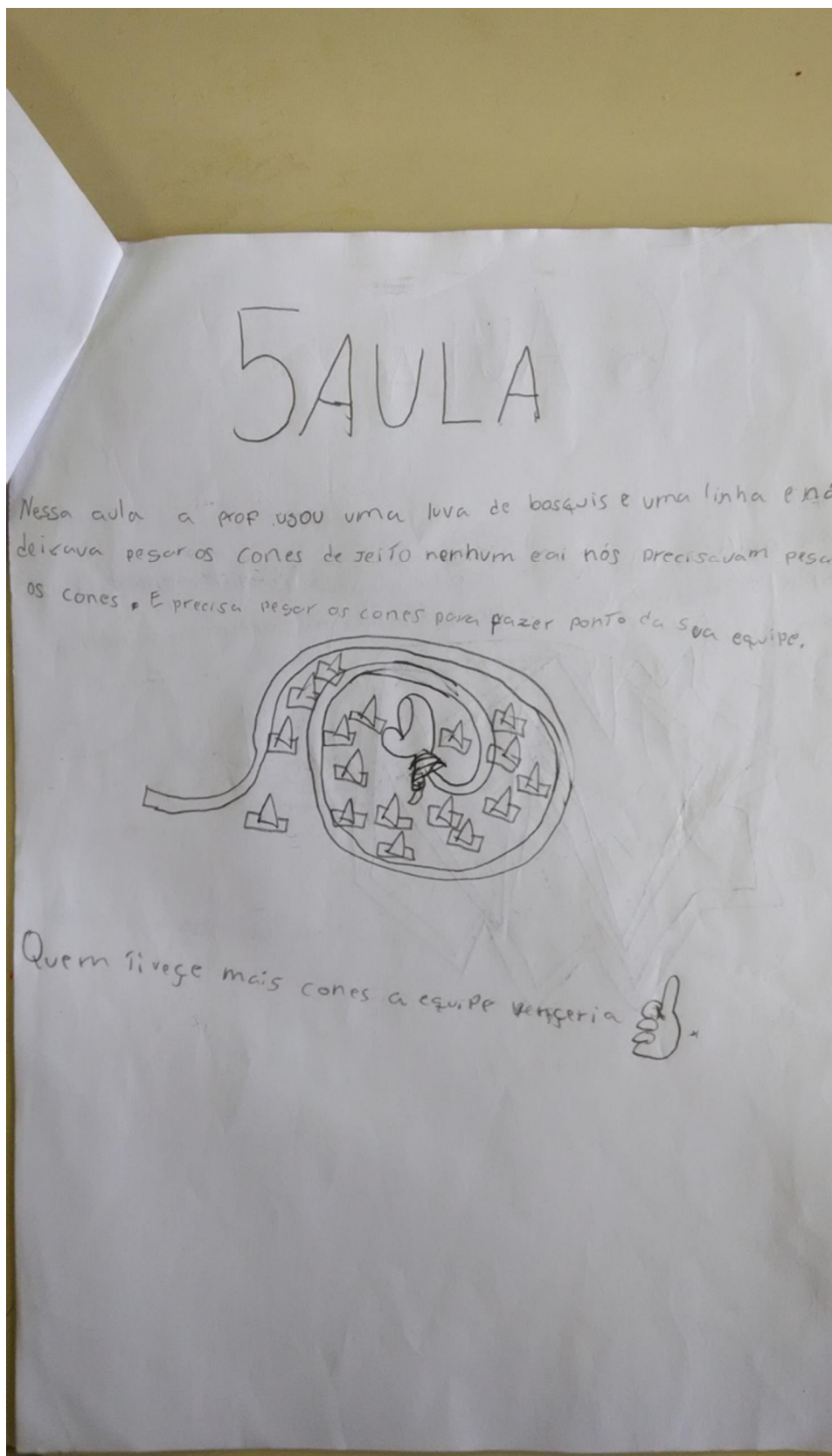
Fonte: arquivo pessoal

Figura 27



Fonte: arquivo pessoal

Figura 28



DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Essa experiência de elaborar e desenvolver uma unidade didática na escola me marcou pela realidade a qual fui exposto. Isso, de certa forma, consagrou toda a minha expectativa de me tornar um professor. Se inicialmente pensava em ser professor de judô, passando depois a me imaginar como professor de EFE, na intensão de contribuir com a formação plena de novos cidadãos, nada melhor do que vivenciar na prática algo que me aproximou daquilo que me trouxe ao curso de Educação Física, ou seja, o desejo de interagir com os alunos lhes apresentando realidades, ou pontos de vista diferentes, novos saberes, algo que lhes fosse distinto daquilo que já vivenciaram.

Nesse processo senti os percalços que afetam o ensino público, algumas paralisações, ameaças de greve; imprevistos como o problema de saúde com o filho do professor do campo de estágio; agregação de turmas que estavam sem professor (esse ainda é um grande desafio da EFE, pois, fiquei com a sensação de sermos um ~~o~~ tapa buraco+na escola.... ninguém pede a um professor de matemática que aceite outra turma junto à sua); excursões realizadas com os alunos (essa por conta de uma gincana que ocorre na escola); dentre outros. Por conta desses acontecimentos encerramos nossa unidade sem vivenciar os jogos criados pelos alunos. Eu acredito que esses percalços, de certa forma, me inseriram na realidade escolar. Me permitiram enxergar que ainda há muito o que crescer, no que tange ao reconhecimento da Educação Física como componente curricular, e que esse crescimento depende da atuação dos professores de educação física na escola.

Apesar disso, o clima escolar foi bastante positivo. Acredito que isso se deve, em grande parte, ao professor do campo de estágio, o professor Rodrigo Gavioli. Sempre pronto a ajudar, nos disponibilizou textos sobre o tema Lutas; discutia os planejamentos de aula, sempre fazendo importantes pontuações sobre nossa forma de trabalho com os alunos. Mais ainda, acredito que a principal contribuição de Rodrigo para o bom andamento das aulas foi o ambiente de respeito, carinho e amizade criado com os alunos. Isso nos permitiu que tivemos uma boa aceitação ao manter esses princípios de

amizade, carinho e respeito com os alunos. Sobre este fato, transcrevo agora o trecho de uma de nossas conversas com Rodrigo, logo quando percebemos esse diferencial em sua forma didática:

Eu busco, e acho que tenho conseguido algum sucesso, estabelecer uma relação muito próxima com os alunos, uma relação de afetividade muito positiva. Eu acredito que a gente não pode esquecer nunca que os alunos são sujeitos dotados de emoções, sentimentos, necessidades, enfim... eu tenho percebido que ao me aproximar dos alunos, dar carinho a eles, atenção, ouvir o que eles tem a dizer para nós e, principalmente, valorizar os alunos, as aulas acontecem de maneira mais harmônica, muito mais prazerosa.²

Esse pensamento de Rodrigo, no meu entender, também se relaciona ao fator violência, que é citado como barreira na hora de ministrar aulas de lutas (CARREIRO, 2008). As atividades realizadas entre os alunos e o relacionamento entre eles no ambiente de aula se amoldam ao trato que Rodrigo dispensa à eles, ou seja, em que pese o comportamento conflituoso normal da adolescência, os alunos buscam sempre se respeitar e serem afetuosos uns com os outros. Em todo tempo no qual estivemos presentes na GETECO, desenvolvendo a unidade de lutas, não houve sequer um incidente de violência entre os alunos no decorrer das aulas, tão pouco ficamos sabendo de ocorrências, ou casos de violência na escola envolvendo alunos que estavam participando de nosso projeto.

Alinhado a este pensamento foi também o fato de termos escolhido a ludicidade para desenvolver a unidade didática. Ensinar lutas através de jogos/brincadeiras, que é algo mais próximo do cotidiano da maioria dos alunos. Brincar, jogar, se divertir enquanto aprendiam, ou melhor, se apropriavam de conhecimentos intrínsecos às lutas, ao contrário de desenvolver o ensino/aprendizagem de algo específico, de uma modalidade de luta por exemplo, o que nos traria o risco de trazer para as aulas o fazer por fazer, a repetição que é algo normalmente praticado nas diversas modalidades de luta que vivenciei.

E o jogo, a brincadeira, foi algo presente na minha formação, sobretudo nas disciplinas de *Ensino de...* sem dúvida o jogo é um facilitador no

² Trecho extraído de conversa com o Prof. Rodrigo Gavioli, em data de 25/06/2018.

processo ensino/aprendizagem, o que contribui para a utilização das lutas na EFE mesmo tendo pouco contato com as lutas no nosso processo de formação. Como o objetivo da escola é formar um cidadão democrático, consciente, de formação ampla e não um lutador, ou uma lutadora, de uma ou outra luta, bastou neste contexto conhecer o que é comum das lutas (em todas as suas formas e modalidades) como tentamos fazer em nossa classificação. Confesso que nessa parte do processo não fez muita diferença para mim ter o conhecimento que tenho de varias modalidades de luta, pois, como disse no inicio deste trabalho, sempre aprendi o fazer por fazer, mera repetição de gestos, sem pensar ou problematizar o que era feito. Me senti como se não tivesse conhecimento algum, embora ao ler os artigos que li, rapidamente identifiquei e me apropriei dos conhecimentos neles tratados.

Assim posso dizer que, mesmo tendo um contato pequeno com as lutas no processo de formação docente, é possível ensinar lutas na escola e o jogo/brincadeira torna o processo ensino/aprendizagem muito mais fácil, o que encontra concordância no trabalho de Farias *et al.* (2012), quando aponta que um conteúdo de lutas sistematizado e organizado, tendo o jogo como uma estratégia pedagógica, pode gerar intensa satisfação a discentes de docentes. Ainda sobre esse fato, minha dupla de estágio e colaboradora neste projeto, a Thayane, completa:

Foi difícil para mim que nunca gostei, nem pratiquei nenhuma luta. Meu primeiro contato com lutas foi nas disciplinas da UFMG. É um contato muito curto, realmente. As disciplinas são curtas e não são voltadas para a escola, a não ser a disciplina de Ensino de Lutas. Essa foi fundamental, foi a que mais se aproximou do que realizamos na escola. Fiquei um pouco insegura em alguns momentos. Mas acredito que seja possível utilizar o tema de lutas nas aulas de EFE, pois, quando usamos os jogos, as brincadeiras, os alunos se envolvem. Eles participam e percebemos nos rostos, nos sorrisos, que a aula está dando certo. Isso me tranquilizou bastante.³

Assim pude perceber que sistematizar o ensino de lutas, utilizando o jogo/brincadeira como meio de ensino pode contribuir para romper essa barreira da falta de aproximação com o tema, que é outro fator citado Ferreira (2006) como dificultador do ensino das lutas nas aulas de EFE.

³ Trecho extraído de conversa com Thayane Louder Pereira, em data de 29/06/2018.

Por ultimo contraponto aos trabalhos que li na organização deste projeto cito a infraestrutura da GETECO. A falta de espaço e materiais adequados às praticas de lutas na escola é sim um grande problema (ARAÚJO, ROCHA, 2007), mas nesta escola onde trabalhamos este era um problema vencido. A escola conta com sala de lutas com tatame montado, diversos materiais para as aulas, inclusive coletes protetores, bastões revestidos com E.V.A, sala de vídeo, etc., mas nem sempre foi assim.

Rodrigo, em nossas conversas, também nos relatou que quando chegou à GETECO, a 9 anos atrás, encontrou uma realidade bem próxima àquela citada pelos autores dos trabalhos que citei. Poucos materiais didáticos (ele me relatou que havia uma bola para cada quadra da escola, eram 4 quadras), a sala de lutas era um espaço utilizado para guardar coisas velhas, não havia o tatame, não havia quase nenhum material além de bolas velhas, e outros materiais inutilizados pelo desgaste.

Ele contou que essa realidade só foi transformada quando ele e outros professores do departamento de EF da escola começaram a ter uma participação política maior na escola, participando das reuniões de colegiado (do qual Rodrigo faz parte atualmente), desenvolvendo projetos e buscando mostrar a importancia da EFE e sua competência como componente curricular.

Sobre este aspecto deixo uma crítica à nossa formação docente. Poucos foram os momentos em que discutimos a importância política do professor na escola. A relevância de se participar diretamente das decisões da escola. O desenvolvimento de projetos para liberação de verba e posterior aquisição de materiais didáticos. Esses foram assuntos que passaram por mim sem que eu tivesse chance de me apropriar deles durante meu processo de formação docente.

Faço essa critica por entender que o processo de transformação da EFE em componente curricular (outrora éramos apenas uma atividade para) é muito recente e discutir essa participação, esse envolvimento do profissional da EFE na escola, ao meu ver, é de suma importância para nossa afirmação como parte do currículo escolar.

Essa participação política dos professores do departamento de EF da GETECO foi tão intensa que hoje o diretor da escola é um professor de Educação Física.

Essa experiência me mostrou que é possível vencer os principais dificultadores no ensino de lutas nas aulas de Educação Física. Pude perceber isso, assim como a Thayane mencionou, no envolvimento e participação dos alunos. Mesmo nas partes teóricas, realizadas em sala de aula, a participação era muito boa. Os sorrisos, as respostas, as dúvidas que surgiam e possibilitavam discussões que inclusive nos trouxeram uma nova classificação, tudo isso através da participação dos alunos.

Os relatos e desenhos entregues pelos alunos, me permitiram entender um pouco da compreensão deles acerca do que tratávamos. Ver que eles faziam relação do que trabalhávamos com temas trabalhados por Rodrigo em semestres anteriores, isso foi muito positivo para mim, por entender que o que eu estava ensinando/aprendendo com eles, poderia os servir em momentos futuros. Enxerguei a possibilidade de contribuir na formação destes indivíduos de alguma forma, com algum conhecimento, abrindo-lhes os olhos para outros pontos de vista, de reflexão.

Foi isto que me despertou para a docência quando ainda atuava como monitor em um projeto social. Foi isso que me trouxe à Universidade. Me trouxe à escola.

Assim trago a conclusão de que é sim possível levar o tema lutas para a EFE, assim como é possível levar qualquer outra dimensão de ensino como as ginásticas, esportes, danças e jogos/brincadeiras. É certo de isso depende de um certo empenho extraacadêmico, pois, não sabemos e nem somos obrigados a saber tudo. Mas este trabalho me mostrou que uma rápida pesquisa me munuiu de informações suficientes para trabalhar o tema com os alunos, de forma inicial, introdutória, contribuindo com a formação destes. Percebi também que precisamos aprender mais sobre nossa participação política na escola e de que poderíamos ter um tempo maior a fim de vivenciarmos mais as lutas (todas as disciplinas relacionadas a lutas que vivenciei tinham carga horária de 30 horas aula) de modo geral, e

principalmente a disciplina de Ensino de Lutas, pois, foi nessa parte da minha formação que tratamos das formas de ensino, da sistematização das lutas, de tornar as lutas algo acessível à escola e aos seus alunos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Y.O.; SILVA, L.H.; LAVOURA, T.N.; DRIGO, A.J. **As Lutas no Ambiente Escolar: uma proposta de prática pedagógica**. 2015. p.58.

ARAÚJO, A.A., Rocha. L.C. A Atuação dos Professores de Educação Física na Escola: uma investigação dos aspectos das aulas de educação física escolar no ensino público de Salvador. **Diálogos Possíveis**, v.6, n.1, p. 175-187, 2007.

BAYER, C. **O Ensino dos Desportos Coletivos**. Lisboa, Dinalivro, 1994.

BETTI, M. Ensino de primeiro e segundo grau: educação física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Maringá, PR, 1992, v.3, n.2, p. 282-287.

_____. Valores e finalidades na educação física escolar: uma concepção sistêmica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 1994, v.16, n.1, p. 14-21.

_____. Por uma teoria da prática. **Motus Corporis**. Rio de Janeiro, v.3, n.2, p. 73-127, 1996.

BRACHT, Valter. A educação física no Ensino fundamental. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2010. p. 1-14. v. 1.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Proposições curriculares de belo horizonte** . ensino fundamental, 2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares nacionais**. Secretaria Nacional de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://www.proefe.com.br/images/ordenamentoslegais/nacionais/pcnef.pdf>>. Acesso em: 20 de Agosto de 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília : MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 18 de Agosto de 2018.

CARREIRO, E.A. Lutas. *In*: DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. (Org.). **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, J. Educação Física Escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, supl. 2, p. 40-42, 1996.

FARIAS, Gelcemar Oliveira; SHIGUNOV, Viktor; NASCIMENTO, Juarez Vieira. Prática pedagógica dos professores de Educação Física nos diferentes ciclos de desenvolvimento profissional. *In*: FOLLE, Alexandra; FARIAS, Gelcemar Oliveira (Org.) **Educação Física**: prática pedagógica e trabalho docente. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2012.p.151-170.

FERREIRA, H.S. As lutas na Educação Física Escolar. **Revista de Educação Física**, v.135, p. 36-44, 2006.

FREIRE, João Batista. **O jogo entre o riso e o choro**. Campinas. Autores A associados, 2002.

GOMES, M. S. P.; MORATO, M.P.; DUARTE, E.; ALMEIDA, J. J. G. Ensino das Lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. **Movimento**, Porto Alegre, v.16, p. 207-227, 2008.

GOMES, Mariana Simões Pimentel. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas**: contextos e possibilidades. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre **o não mais e o ainda não**: pensando saídas do não lugar da EF Escolar I. Cadernos de Formação RBCE, p. 12, 2009.

KUNZ, E. **Educação Física**: ensino e mudança. Ijuí: Ed. da Unijuí, 1991.

MINAS GERAIS, Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais. Currículo Básico Comum do Ensino Fundamental Educação Física. 2014.

NAKAMOTO, H.O. **Luta**: elementos de uma compreensão sistêmica. Campinas, SP: [s.n], p. 24-26, 2005.

PEREIRA, M. P. V. C.; CIRINO, C.; CORRÊA, A. O.; FARIAS, G. O. **Lutas na escola**: sistematização do conteúdo por meio da rede de jogos de lutas. Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde, Campinas: SP, v.15, p. 338-348, 2017.